

O CLÍTICO E SEU LUGAR NA ESTRUTURA PROSÓDICA EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

Táise SIMIONI¹

- **RESUMO:** O objetivo deste trabalho é discutir a estrutura prosódica dos clíticos em português brasileiro, com base na análise de Selkirk (2004). Segundo a proposta da autora, que tem como referencial teórico a Teoria da Otimidade, a prosodização dos clíticos é gerada pela hierarquia entre restrições de dominância prosódica e restrições de alinhamento. As evidências trazidas apontam para a prosodização do clítico como anexado a uma frase fonológica, ou seja, rejeitamos a idéia de que o clítico incorpora-se ou adjunge-se a uma palavra prosódica. Além disso, diferentemente de Bisol (2000, 2005a), apontamos para a inexistência de um constituinte prosódico como o grupo clítico.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Clítico. Estrutura prosódica. Teoria da Otimidade.

Introdução

Este trabalho tem por objetivo analisar a prosodização dos clíticos em português brasileiro (PB daqui por diante) e toma como referencial teórico a Teoria da Otimidade (PRINCE; SMOLENSKY, 1993; McCARTHY; PRINCE, 1993), em sua versão estritamente paralela. Para isso, o trabalho organiza-se da seguinte maneira: na segunda seção, apresentamos as características dos clíticos do PB; na terceira, as quatro possibilidades de organização de uma seqüência formada por um clítico seguido de uma palavra lexical, de acordo com Selkirk (2004), e defendemos aquela que mais se aproxima da proposta de Bisol (2000, 2005a). A quarta seção dedica-se à análise das restrições responsáveis pelas diferentes organizações prosódicas mostradas na seção anterior e discute a hierarquia responsável pela organização defendida para o PB. A quinta seção volta-se para a rejeição do *grupo clítico* como um constituinte prosódico. E, por fim, na sexta seção estão presentes as considerações finais.

Características dos clíticos do PB

Para começarmos a discutir o comportamento prosódico dos clíticos em PB, faz-se necessário diferenciá-los de palavras lexicais e de afixos. Neste trabalho, *palavras lexicais* referem-se a palavras pertencentes às categorias de nome, verbo

¹ UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras - Porto Alegre - RS - Brasil. 90650-000 - taisesimioni@yahoo.com.br

e adjetivo, em oposição a *palavras funcionais*. Essa diferenciação, entretanto, não é tão simples, pois, como destaca Bisol (2000), os clíticos apresentam um comportamento híbrido: possuem propriedades tanto de palavras lexicais como de afixos.

Clíticos não são portadores de acento, o que os obriga a apoiarem-se no acento de palavras adjacentes e os impede de ocorrerem isoladamente. Essa ausência de acento aproxima-os dos afixos. Mas, ao mesmo tempo, eles possuem certa mobilidade na frase, ao menos no que diz respeito aos clíticos pronominais, que podem ser proclíticos ou enclíticos, como mostram os exemplos abaixo.

- (1) Comprei-te um livro.
Te comprei um livro.

A sensação de artificialidade provocada pela primeira frase já aponta para uma preferência pela próclise em PB. Embora a ênclise seja evitada, ela continua sendo uma opção em contextos mais formais.

É justamente esse hibridismo, portanto, que caracteriza os clíticos. Foi essa situação que levou Câmara Junior (2001) a colocar os clíticos entre as formas dependentes, em oposição às formas livres e às formas presas.

Segundo Bisol (2005a), os clíticos apresentam as seguintes propriedades universais: (i) são átonos, (ii) são formas dependentes e (iii) pertencem a diferentes classes morfológicas. Exemplos de clíticos do PB são, portanto, artigos (*o, a, os, as*), algumas preposições (*de, em, por, com*), alguns pronomes pessoais (*se, me, te, lhe*), etc. Não nos ocuparemos, neste texto, da tarefa de trazer uma lista exaustiva dos clíticos do PB.

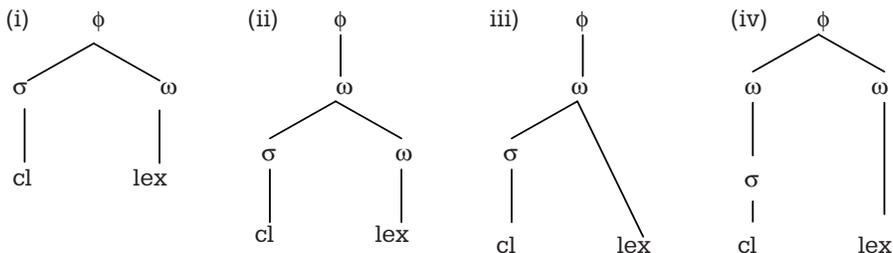
Neste momento, é interessante ressaltar a relação que se estabelece entre clítico e palavra funcional. Todos os clíticos são palavras funcionais, como podemos observar a partir dos exemplos recém-listados, mas nem todas as palavras funcionais são clíticos. O critério eliminatório é justamente o acento: as palavras funcionais portadoras de acento não são clíticos, em conformidade com as propriedades mencionadas acima.

A prosodização dos clíticos em PB

Interessa-nos, a partir deste momento, analisar como o clítico se relaciona com a palavra lexical à qual se junta em PB. Segundo Selkirk (2004), a organização prosódica de uma seqüência formada por clítico + palavra lexical varia de língua para língua. Em (2) são apresentadas as estruturas possíveis resultantes dessa organização, de acordo com a autora (cl = clítico, lex = palavra lexical, σ = sílaba,

ω = palavra prosódica, ϕ = frase fonológica). As estruturas apresentadas pela autora apresentam *func*, por *funcional*, no lugar de *cl*, por *clítico*, embora Selkirk esteja analisando especificamente os clíticos em sua combinação com palavras lexicais.

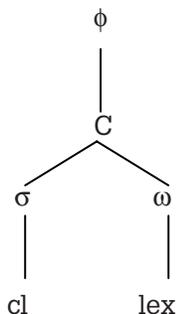
(2)



Em (2i), há o que Selkirk (2004) chama de *clítico livre*. Essa denominação se deve ao fato de que o clítico está ligado diretamente à frase fonológica. A representação (2ii) apresenta o *clítico afixal*. Trata-se de uma configuração segundo a qual o clítico se une à palavra prosódica vizinha por adjunção. Em (2iii), observamos o *clítico interno*, uma vez que o clítico se integra a uma palavra prosódica por incorporação. Por fim, (2iv) mostra uma configuração na qual o clítico se comporta como uma palavra prosódica. É importante chamar atenção para o fato de que Selkirk não inclui entre as possibilidades de prosodização a formação do grupo clítico (NESPOR; VOGEL, 1994). Discutiremos essa questão mais adiante.

Bisol (2000, 2005a) propõe a configuração abaixo para o PB (C = grupo clítico).

(3)



Podemos observar que essa representação se aproxima bastante da representação (2i) de Selkirk. A diferença está na defesa de Bisol do grupo clítico como um constituinte prosódico. A discussão sobre a existência do grupo clítico será feita na quinta seção. No momento nos concentraremos na idéia de que em PB o clítico não se adjunge e nem se incorpora à palavra prosódica adjacente; tampouco forma ele sozinho uma palavra prosódica. Faremos, então, a defesa da representação (2i) para o PB a partir do levantamento de argumentos para rejeitar (2iv), (2iii) e (2ii), nesta ordem.

É preciso dizer que, embora os enclíticos sejam mencionados em determinados momentos ao longo do trabalho, nossa atenção está voltada para os proclíticos. Essa decisão apóia-se no fato de que o PB apresenta uma clara tendência à próclise, como atesta Bisol (2000, 2005a). O principal argumento a favor dessa idéia encontra-se no comportamento dos clíticos pronominais, como observamos a partir dos exemplos em (1). Mesmo que a ênclise de pronomes seja uma configuração possível, ela é preterida em relação à próclise. Bisol (2005a) também aponta para a indistinção entre proclíticos e enclíticos em PB no que diz respeito à sua estrutura prosódica, ao contrário de muitas línguas em que, por exemplo, proclíticos sofrem o processo de adjunção, enquanto enclíticos se prosodizam por incorporação (confira VIGÁRIO, 2003, para o português europeu; BOOIJ, 1996, para o holandês). Mostraremos, então, que tanto proclíticos quanto enclíticos apresentam estrutura prosódica semelhante.

Voltemos às representações. Para descartarmos (2iv), precisamos discutir, ainda que brevemente, o que caracteriza uma palavra prosódica. Para essa caracterização, Bisol (2005a) apóia-se em Booij (1983). Segundo o autor, a palavra prosódica possui três funções: (i) ela é portadora de relações de proeminência, (ii) constitui domínio para aplicação de regras fonológicas e (iii) é domínio de restrições fonotáticas. Com relação à primeira função, Bisol (2005a, p.166) afirma que “o clítico nunca é o portador de proeminência relativa”. Essa proeminência pode ser analisada tanto interna quanto externamente. Em seu interior, o clítico não apresenta alternâncias entre sílabas fortes e sílabas fracas, de maneira que nenhuma será mais proeminente que a outra, ao contrário do que acontece com as palavras prosódicas, como em *amarelo*, por exemplo, que apresenta a seqüência forte-fraco-forte-fraco, para as sílabas, e fraco-forte, com relação aos pés. É a presença dessas relações de proeminência que permite à palavra prosódica ser portadora de acento. Isso se relaciona à *propriedade rítmica* do acento, mencionada por Kager (1999). Essa asserção é trivial em relação aos clíticos monossilábicos, dado que neles não pode haver relações de proeminência, em princípio. No caso das palavras funcionais dissilábicas, sua caracterização como clíticos é difícil em função de que sua atonicidade não é evidente. Externamente, o clítico não constitui a parte mais proeminente de uma frase fonológica ou de um grupo clítico,

se admitíssemos sua existência. Essa proeminência incidirá sobre a palavra à qual o clítico se junta. A terceira função diz respeito às restrições fonotáticas a que as palavras prosódicas estão sujeitas. Bisol (2005a) menciona a restrição segundo a qual palavras não podem começar por soante palatal. O pronome *lhe*, entretanto, não é afetado por tal restrição. No que se refere à segunda função, mostraremos adiante que alguns processos cujo domínio é a palavra prosódica não afetam a seqüência formada por clítico + palavra funcional. Em resumo, os clíticos não desempenham funções de uma palavra prosódica, o que indica que eles não podem formar sozinhos um constituinte desse tipo. Descartamos, dessa forma, a representação (2iv) para o PB.

De acordo com a representação (2iii), o clítico se incorpora a uma palavra prosódica. Dessa forma, ele atuaria como uma sílaba pretônica (ou postônica, no caso dos enclíticos). Em PB, entretanto, há algumas evidências de que o clítico não se comporta dessa maneira. Começemos com o caso dos proclíticos. Os clíticos terminados em *e* ou *o* sofrem o mesmo processo de elevação que caracteriza as sílabas átonas finais de palavras lexicais (*mole* > *mol[i]*, *osso* > *oss[u]*). Essa elevação não é esperada em sílabas pretônicas (*elefante* > **[i][i]fante*, *horroroso* > **h[u]r[u]roso*), embora possa ocorrer em casos de harmonia vocálica (como na realização *m[i]nino* para *menino* e *c[u]ruja* para *coruja*) (SCHWINDT, 2002) e em certos vocábulos, como *boneca* e *semestre*. Os exemplos em (4), adaptados de Bisol (2005a, p.169), mostram a elevação dos clíticos, indicando que há uma fronteira de palavra prosódica entre o clítico e a palavra lexical à qual ele se junta; caso contrário, a elevação não seria esperada.

(4)

<i>s[e]</i> (<i>conta</i>) _ω	~	<i>s[i]</i> (<i>conta</i>) _ω
<i>p[o]</i> <i>r</i> (<i>acaso</i>) _ω	~	<i>p[u]</i> <i>r</i> (<i>acaso</i>) _ω

No que diz respeito ao acento, se nos basearmos na hipótese de que a localização deste não está presente na representação subjacente, uma vez que é em grande medida previsível (COLLISCHONN, 2002), precisamos analisar o que acontece quando um clítico se une a um monossílabo, como em *de ré*. Com base em uma TO estritamente paralela, se o clítico fosse incorporado a uma palavra prosódica, não teríamos como diferenciar *de ré* de qualquer outra palavra dissílaba, como *mesa*, por exemplo, e as mesmas restrições e sua hierarquia que atribuem acento à primeira sílaba de *mesa* atribuiriam acento ao clítico. Isso indica que o clítico não é analisado como incorporado a uma palavra prosódica para a atribuição do acento. Não estamos levando em consideração, aqui, uma análise morfológica do acento.

Passemos a analisar os enclíticos e sua relação com a estrutura (2iii). Quando uma palavra lexical terminada por *e* ou *o* se junta a um enclítico, essas vogais podem ser elevadas, como observamos em (5). Essa elevação, que acontece prioritariamente em contexto final, evidencia que ali há uma fronteira e que o clítico, portanto, não se comporta como uma sílaba postônica (na verdade, a palavra lexical não se comporta como se tivesse duas sílabas átonas seguindo a tônica). Embora as vogais postônicas não-finais também possam se elevar, como em *fôl[i]go* e *ép[u]ca*, para *fôlego* e *época*, como atesta Vieira (2002) com relação a algumas cidades da região sul do país, essa elevação acontece com menos freqüência do que a elevação da átona final. Casos como os de (5) parecem apresentar uma elevação quase categórica.

- (5)
- | | | | | |
|---------------------|------------|---|---------------------|------------|
| $(ped[e])_{\omega}$ | <i>-se</i> | ~ | $(ped[i])_{\omega}$ | <i>-se</i> |
| $(ouç[o])_{\omega}$ | <i>-te</i> | ~ | $(ouç[u])_{\omega}$ | <i>-te</i> |

Além disso, o enclítico não altera a posição do acento de uma palavra lexical. Assim como o proclítico, ele parece não contar para a atribuição do acento, o que indica, mais uma vez, a presença de uma fronteira de palavra prosódica entre o clítico e a palavra lexical. Essa questão fica ainda mais evidente quando o enclítico se junta a uma palavra proparoxítona, como mostram os exemplos em (6). Considerar o enclítico como incorporado a uma palavra prosódica seria admitir que o acento recaia sobre a quarta sílaba da direita para a esquerda em uma palavra, o que contraria o padrão encontrado nas demais palavras prosódicas em PB, em que o acento só vai até a terceira sílaba.

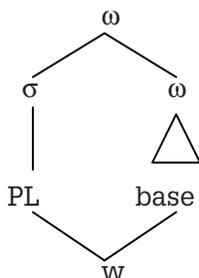
- (6)
- | | |
|--------------------------|-------------|
| $(falávamos)_{\omega}$ | <i>-lhe</i> |
| $(mostrávamos)_{\omega}$ | <i>-lhe</i> |

A partir do que foi exposto acima, chega-se à conclusão de que o clítico não forma palavra prosódica sozinha e não se incorpora a uma palavra prosódica, ou seja, descartamos as representações (2iv) e (2iii) para o PB. Precisamos mostrar, agora, evidências de que o clítico não se adjunge a uma palavra prosódica, mas se anexa a uma frase fonológica, para que possamos rejeitar (2ii) em favor de (2i).

Para isso, vamos começar dando uma breve atenção aos prefixos. Destacamos que o objetivo deste trabalho não é o de discutir a prosodização do prefixo, mas essa questão é interessante pois traz conseqüências para a análise do clítico. Schwindt (2001) propõe uma distinção entre *prefixos legítimos* e *prefixos composicionais*.

Estes (como *pré-* e *pós-*, por exemplo), diferentemente daqueles, podem formar uma palavra prosódica independente. Interessam-nos aqui os prefixos legítimos (PL), que, segundo Schwindt (2001, p.186), são adjungidos a uma palavra prosódica, como mostra (7), em que “w” representa a palavra morfológica.

(7)



A favor da idéia de que há uma fronteira de palavra prosódica entre o prefixo e a base estão os processos de elevação da átona final e de elevação de e inicial, exemplificados em (8i) e (8ii), respectivamente. Como vemos em (8i), o prefixo pode se elevar, o que mostra que ele não se comporta como uma sílaba pretônica. Com relação a (8ii), em palavras como *examinar* e *entulhar*, pode ocorrer a elevação da vogal inicial, embora ela seja pretônica e não possamos pensar em um processo de harmonia. Descritivamente, percebemos que palavras iniciadas por [es-], [ez-] (em que o segmento fricativo pode constituir coda, como em *escola*, ou ataque da sílaba seguinte, como em *exato*) ou *en-* podem ser elevadas quase que categoricamente, ao menos no dialeto de Porto Alegre. (8ii) mostra que essa elevação acontece mesmo que a base seja antecedida por um prefixo, ou seja, os segmentos iniciais da base continuam se comportando como se estivessem em início de palavra prosódica.

(8)

- | | | | |
|------|--------------------|---|----------------------|
| (i) | <i>desfeito</i> | > | <i>d̥[i]sfeito</i> |
| (ii) | <i>reexaminar</i> | > | <i>re[i]xaminar</i> |
| | <i>desentulhar</i> | > | <i>des[i]ntulhar</i> |

Quando prefixos legítimos terminados por segmento nasal, como *an-* e *in-*, por exemplo, são unidos a palavras iniciadas por vogal, a nasal passa a fazer parte do ataque da sílaba seguinte, como mostram as palavras *anaeróbico* e *ineficaz*. O mesmo, entretanto, não acontece com os clíticos, como podemos perceber nas seqüências *sem esperança* (**se[nes]perança*) e *com astúcia* (**co[nas]túcia*). Se tanto entre o prefixo e a base como entre o clítico e a palavra lexical há uma

fronteira de palavra prosódica, como mostramos até aqui, a explicação para essa diferença de comportamento com relação à nasal precisa ser localizada em um constituinte prosódico superior. Vigário (2003) poderia explicar essa questão com a divisão, adotada pela autora, entre léxico e pós-léxico. A ressilabação provocada pela nasal seria resultado de uma regra lexical, de maneira que, quando o clítico se junta a uma palavra lexical, e esta união só ocorre no pós-léxico por natureza, a regra não atua mais. Naturalmente, essa explicação não pode ser dada em uma análise estritamente paralela. Não temos motivos para acreditar que a prosodização do clítico em PB necessite de níveis para ser explicada, e esse parece ser um resultado desejável, pois, como alerta Collischonn, “[...] o emprego continuado de soluções que invocam a distinção entre processos lexicais e pós-lexicais, ao lado do reconhecimento do papel das fronteiras de domínios prosódicos, leva a perguntas do tipo: será que as duas soluções não são redundantes?”². A autora explica que, se um processo é assumido como lexical, ele não ocorrerá na fronteira entre palavras independentemente da estrutura prosódica das palavras envolvidas. Defendemos, então, a hipótese de que essa diferença é explicada pelo fato de que prefixos se adjungem a uma palavra prosódica enquanto clíticos se anexam a uma frase fonológica, como mostram os exemplos em (9).

(9)

- | | | | |
|------|-------------------------------------|---|--|
| (i) | $(an+(aeróbico)_{\omega})_{\omega}$ | > | $(a([na]eróbico)_{\omega})_{\omega}$ |
| | $(in+(eficaz)_{\omega})_{\omega}$ | > | $(i([ne]ficaz)_{\omega})_{\omega}$ |
| (ii) | $(sem(esperança)_{\omega})_{\circ}$ | | $*(se([ne]sperança)_{\omega})_{\circ}$ |
| | $(com(astúcia)_{\omega})_{\circ}$ | | $*(co([na]stúcia)_{\omega})_{\circ}$ |

Para acrescentar mais um argumento favorável à hipótese de que o clítico se une a uma frase fonológica, em conformidade com a representação (2i), apresentamos o fato de que o clítico *lhe*, quando em posição proclítica, não poderia iniciar uma palavra prosódica em função da restrição fonotática já mencionada, como vemos em (10).

(10)

- | | |
|-----------------------------------|-------------------------------------|
| $(lhe(falamos)_{\omega})_{\circ}$ | $*(lhe(falamos)_{\omega})_{\omega}$ |
| $(lhe(mostrei)_{\omega})_{\circ}$ | $*(lhe(mostrei)_{\omega})_{\omega}$ |

Antes de analisarmos como a estrutura (2i) é formada, a partir da proposta de Selkirk (2004), há uma questão que merece atenção. Bisol (2005a) observa que a

² Cf. VIGÁRIO, 2004.

frase fonológica formada pelo clítico e por uma palavra lexical possui apenas um acento, enquanto as demais frases fonológicas podem apresentar um ou mais acentos (estamos nos referindo aos acentos internos à frase fonológica e não ao acento frasal). A autora utiliza-se dessa diferença como um argumento para a existência do grupo clítico. Rejeitamos a hipótese da existência do grupo clítico, conforme veremos adiante. A ocorrência de apenas um acento na frase fonológica formada por clítico + palavra lexical é apenas uma consequência do fato de que essa frase fonológica contém apenas uma palavra prosódica. Essa estrutura seria semelhante, portanto, a frases fonológicas formadas por uma palavra prosódica sozinha. Isso significa que a ocorrência de apenas um acento na estrutura formada por clítico + palavra lexical não atesta a existência do grupo clítico.

As estruturas e suas violações

Selkirk (2004, p.466-467) apresenta as restrições responsáveis pela organização das estruturas prosódicas. Tais restrições estão listadas em (11), em que 'C' representa uma categoria prosódica. Não traduzimos os nomes das duas primeiras restrições por não termos encontrado expressões adequadas em português.

(11)

- (i) *Layeredness* Nenhum C^i domina um C^j , $j > i$,
por exemplo, “nenhuma sílaba domina um pé”.
- (ii) *Headedness* Qualquer C^i deve dominar um C^{i-1} (exceto se $C^i = \sigma$)
por exemplo, “uma palavra prosódica deve dominar um pé”.
- (iii) *Exaustividade* Nenhum C^i domina imediatamente um constituinte C^j , $j < i - 1$,
por exemplo, “nenhuma palavra prosódica domina imediatamente uma sílaba”.
- (iv) *Não-recursividade* Nenhum C^i domina C^j , $j = i$,
por exemplo, “nenhum pé domina um pé”.

Segundo Selkirk (2004), essas restrições são formadas a partir da condição *Strict Layer Hypothesis*. Conforme Nespor e Vogel (1994, p.19), essa condição se decompõe em dois princípios:

Princípio 1. Uma unidade não-terminal da estrutura hierárquica, X^p , compõe-se de uma ou mais unidades da categoria imediatamente inferior, X^{p-1} .

[...]

Princípio 2. Uma unidade pertencente a um nível da hierarquia deve estar exaustivamente incluída em uma unidade superior da qual faça parte.

Podemos pensar que as restrições em (11) foram construídas de maneira a eliminar os elementos que tornavam os princípios muito restritivos. Trata-se de *imediatamente*, no princípio 1, e de *exaustivamente*, no princípio 2. Dessa forma, a restrição *Headedness*, em (11ii), garante que um constituinte domine outros constituintes inferiores, mas sem a obrigação de que todos eles sejam imediatamente inferiores, o que implica a possibilidade de (11iii), *Exaustividade*, ser violado. A retirada de *exaustivamente* também garante a possibilidade de violação a *Exaustividade*, como parece óbvio. Mas vale a pena observar uma diferença entre *Headedness* e *Exaustividade*. A primeira restrição, da maneira como está formulada, exige que um constituinte prosódico domine outro constituinte prosódico imediatamente inferior, o que não significa que ele precise dominar todos os constituintes imediatamente inferiores, ou seja, uma palavra prosódica precisa dominar ao menos um pé, mas ela não precisa dominar todos os pés, por exemplo.

A autora esclarece que as duas primeiras restrições, *Layeredness* e *Headedness*, não são violadas nas línguas do mundo, o que significa que elas são não-dominadas em qualquer hierarquia. Podemos observar que nenhuma das estruturas em (2), repetidas em (12), viola *Layeredness*.

(12)

- (i) (cl (lex) ω)_o
- (ii) ((cl (lex) ω) ω)_o
- (iii) ((cl lex) ω)_o
- (iv) ((cl) ω (lex) ω)_o

Em (12iv) há uma violação a *Headedness*, pois a primeira palavra prosódica não domina nenhum pé, tendo em vista que clíticos não possuem acento. Essa, portanto, não é uma estrutura possível para os clíticos, mas ela pode representar, por exemplo, a estrutura formada pelos prefixos composicionais da análise de Schwindt (2001), com as devidas alterações. A estrutura em (12i) viola *Exaustividade*, uma vez que uma frase fonológica domina imediatamente uma sílaba. De acordo com nossa análise, então, essa restrição encontra-se em uma posição baixa na hierarquia do PB. É interessante observar que essa estrutura não viola *Headedness*. Embora uma frase fonológica domine uma sílaba, esta mesma frase domina alguma palavra prosódica. (12ii) apresenta uma violação a *Não-recursividade*, em função da presença de uma palavra prosódica recursiva, e *Exaustividade*, uma vez que uma palavra prosódica domina diretamente o clítico, ou seja, não domina um pé, tendo em vista que o clítico não é portador de relações de proeminência. A estrutura em (12iii) também viola *Exaustividade*, tendo em vista que uma palavra prosódica domina um clítico. Embora tanto (12i) quanto

(12ii) violem apenas *Exaustividade*, apenas a primeira estrutura é selecionada, o que aponta para a atuação de outras restrições. Trata-se de restrições de alinhamento (McCARTHY; PRINCE, 2004) de palavra morfológica (13) e de palavra prosódica (14), em que 'E' e 'D' representam uma fronteira à esquerda e à direita, respectivamente, conforme Selkirk (2004, p.468-469).

(13)

(i) *Align (Lex, E; ω, E)*

A fronteira esquerda de uma palavra lexical deve coincidir com a fronteira esquerda de uma palavra prosódica.

(ii) *Align (Lex, D; ω, D)*

A fronteira direita de uma palavra lexical deve coincidir com a fronteira direita de uma palavra prosódica.

(14)

(i) *Align (ω, E; Lex, E)*

A fronteira esquerda de uma palavra prosódica deve coincidir com a fronteira esquerda de uma palavra lexical.

(ii) *Align (ω, D; Lex, D)*

A fronteira direita de uma palavra prosódica deve coincidir com a fronteira direita de uma palavra lexical.

Retornemos, então, às representações em (12). Temos uma violação a *Align (ω, E; Lex, E)* em (12ii), porque à esquerda da palavra prosódica maior não há uma palavra lexical. (12iii) viola *Align (Lex, E; ω, E)*, porque a fronteira esquerda da palavra lexical não está alinhada à fronteira esquerda de uma palavra prosódica, e *Align (ω, E; Lex, E)*, uma vez que à esquerda da palavra prosódica não há uma palavra lexical. Já a representação (12iv) viola tanto *Align (ω, E; Lex, E)* quanto *Align (ω, D; Lex, D)*, tendo em vista que, se um clítico forma uma palavra prosódica independente, não haverá uma palavra lexical com a qual esta palavra prosódica possa se alinhar. A única restrição violada por uma estrutura que contenha um clítico em PB, portanto, é *Exaustividade*, uma vez que a configuração por nós defendida, (12i), não viola nenhuma das restrições de alinhamento em (13) e (14). Isso se dá em função de que não há exigências de que um clítico se alinhe a uma palavra prosódica, como ressalta Selkirk (2004). Chegamos, dessa forma, à hierarquia apresentada em (15) para o PB.

(15)

Headedness, Layeredness >> *Não-recursividade, Align (Lex, E; ω, E), Align (Lex, D; ω, D), Align (ω, E; Lex, E), Align (ω, D; Lex, D)* >> *Exaustividade*

No momento, não temos evidências para ordenar as restrições de alinhamento entre si e com relação a *Não-recursividade*_ω. O *tableau* em (16) mostra como essa hierarquia seleciona a estrutura segundo a qual o clítico se junta a uma frase fonológica. Unimos as restrições de alinhamento com relação aos limites esquerdo e direito em função de que, como vimos, não há motivos para acreditar que proclíticos e enclíticos sejam prosodizados de maneira diferenciada em PB.

(16)

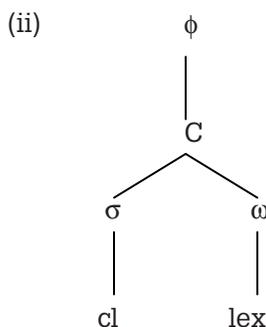
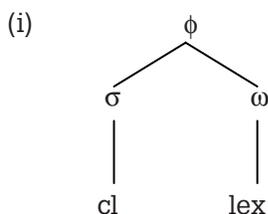
em casa	<i>Head</i>	<i>Layer</i>	<i>Não-recurs</i>	<i>Align (Lex; ω)</i>	<i>Align (ω; Lex)</i>	<i>Exaustividade</i>
ϕ (em (casa) _ω) _ϕ						*
((em (casa) _ω) _ω) _ϕ			*		*!	*
((em casa) _ω) _ϕ				*	*!	*
((em) _ω (casa) _ω) _ϕ	*!				**	

Na próxima seção, discutiremos sobre o grupo clítico e questionaremos sua existência.

O grupo clítico?

Em (17) trazemos novamente a organização prosódica dos clíticos defendida neste trabalho (17i) e a organização proposta por Bisol (2000, 2005a) (17ii). Como já mencionamos, as duas estruturas são bastante próximas; a diferença reside na defesa de Bisol em relação ao grupo clítico.

(17)



Os processos analisados ao longo deste trabalho não favorecem uma estrutura em relação à outra. Ambas fornecem a fronteira de palavra prosódica entre o clítico e a palavra lexical (necessária para explicar os fenômenos vistos acima, como a elevação da vogal do clítico). Desta maneira, para que aceitemos a existência do grupo clítico, faz-se necessária a constatação de um processo que ocorra apenas

no interior de um grupo clítico. Segundo Bisol (2005a), esse processo é a elisão da vogal *e*. O processo de elisão em português afeta quase que exclusivamente a vogal *a*. Entretanto, encontra-se o apagamento de *e* em alguns contextos, como revela (18), conforme Bisol (2005a, p.175).

(18)

(i)	Dois clíticos de um: dum dia pro outro em um: num espaço curto entre um: entrum dia e outro	(ii)	Um clítico e uma palavra funcional em outro dia: noutro dia de outra vez: doutra vez de + este caso: deste caso
(iii)	Clítico + palavra lexical de amor: *damor de atenção: *datenção de amigo: *damigo	(iv)	Duas palavras lexicais cidade antiga: *cidadantiga grande amigo: *grandamigo leque azul: *le[ka]zul

Segundo Bisol, a possibilidade da elisão no interior de uma seqüência formada por um clítico e outra palavra funcional, como mostram (18i) e (18ii), em oposição à sua impossibilidade entre palavras lexicais, como vemos em (18iv), comprova a necessidade de se estabelecer um constituinte prosódico intermediário entre a palavra prosódica, no interior da qual esse processo também não ocorre, e a frase fonológica. Mas como explicar que a elisão não acontece em (18iii), em que também haveria um grupo clítico? Segundo Bisol (2005a, p.174), a elisão não é possível nesse contexto porque o clítico está diante de um elemento designado terminal (DTE), ou seja, um elemento “[...] próximo à borda direita ou esquerda de um domínio, em que incide o maior número de posições fortes.” Parece-nos, entretanto, que o que está em jogo é a atuação de uma restrição de alinhamento como *Align (Lex, E; ω, E)*, uma vez que, quando ocorre o sândi entre um clítico e uma palavra, eles passam a ser uma única palavra prosódica (BISOL, 2005b); o resultado será, então, uma palavra lexical não alinhada à esquerda com uma palavra prosódica. Observemos (19), que mostra a possibilidade de elisão entre um clítico e outro clítico (19i) ou entre um clítico e uma palavra funcional acentuada (19ii), pois, uma vez que essas seqüências não contêm palavras lexicais, não há violação à restrição *Align (Lex, E; ω, E)*. Por outro lado, o desalinhamento pode ser observado quando o clítico se junta a uma palavra lexical (19iii).

(19)

(i)	de um	>	(dum) _ω
(ii)	de outra	>	(doutra) _ω
(iii)	de amor	>	*(damor) _ω

Em resumo, o grupo clítico não é necessário para que se explique a elisão da vogal *e*. Contudo, é inegável a necessidade de uma análise mais profunda desse

processo e de sua relação com outros processos de sândi para que se observem as restrições envolvidas e sua hierarquia. Bisol (2003) traz uma proposta para os processos de sândi em PB a partir da TO, mas sua atenção está voltada para a relação entre o sândi e o acento frasal.

Considerações finais

Como vimos ao longo deste trabalho, o clítico se caracteriza por apresentar propriedades de afixos (por ser átono), ao mesmo tempo em que apresenta propriedades de palavra lexical (em função da mobilidade que possui). O clítico, então, é uma palavra funcional átona. Observamos que, entre as possibilidades de prosodização, o PB escolhe aquela na qual o clítico se une diretamente a uma frase fonológica, em função de que (i) não se comporta como uma palavra prosódica independente, (ii) não se comporta como uma sílaba pretônica (no caso dos próclíticos) ou postônica (no caso dos enclíticos) e (iii) parece não se comportar como se estivesse no início de uma palavra prosódica. Com relação a (ii), percebe-se que parece não haver em PB uma distinção entre próclise e ênclise em termos de estrutura prosódica, ao contrário do que acontece em outras línguas. Chegamos, dessa forma, à seguinte hierarquia: *Headedness, Layeredness* >> *Não-recursividade, Align (Lex; ω), Align (ω; Lex)* >> *Exaustividade*.

Por fim, defendemos a hipótese de que o grupo clítico não forma um constituinte na hierarquia prosódica, contrariando Bisol (2000, 2005a), uma vez que não encontramos processos que atestem a sua existência.

SIMIONI, T. The Clitic and Its Place in the Prosodic Structure in Brazilian Portuguese. *Alfa*, São Paulo, v.52, n.2, p.431-446, 2008.

- *ABSTRACT: This work aims to discuss the prosodic structure of clitics in Brazilian Portuguese, based on the analysis of Selkirk (2004). According to her proposal, which has the Optimality Theory as its theoretical basis, the prosodization of clitics is determined by the ranking between constraints of prosodic dominance and alignment constraints. The evidences raised here point to a prosodization of the clitic as attached to a phonological phrase, that is, we reject the idea that the clitic is incorporated or adjoined to a prosodic word. Moreover, unlike Bisol (2000, 2005a), we point to the inexistence of such a prosodic constituent as the clitic group.*
- *KEYWORDS: Clitic. Prosodic structure. Optimality Theory.*

Referências

BISOL, L. O clítico e seu hospedeiro. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.40, n.3, p.163-184, 2005a.

_____. Os constituintes prosódicos. In: _____. (Org). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005b. p.243-255.

_____. Sandhi in Brazilian Portuguese. *Probus*, Dordrecht, v.15, n.2, p.177-200, 2003.

_____. O clítico e seu status prosódico. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v.9, n.1, p.5-30, 2000.

BOOIJ, G. E. Cliticization as prosodic integration: the case of Dutch. *The Linguistic Review*, Dordrecht, v.13, p.219-242, 1996.

_____. Principles and parameters in prosodic phonology. *Linguistics*, Hawthorne, v.21, p.249-280, 1983.

CÂMARA JUNIOR, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 34.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

COLLISCHONN, G. Fonologia lexical e pós-lexical e TO. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.37, n.1, p.163-187, 2002.

KAGER, R. *Optimality theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

McCARTHY, J. J.; PRINCE, A. L. *Prosodic Morphology I: constraint interaction and satisfaction*. New Brunswick: Rutgers University Center for Cognitive Science, 1993.

_____. Generalized Alignment: Prosody. In: McCARTHY, J. J. *Optimality Theory in phonology: a reader*. Oxford: Blackwell, 2004. p.167-177.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *La prosodia*. Tradução de Ana Ardid Gumiel. Madrid: Visor Distribuciones, 1994.

PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. *Optimality Theory: Constraint Interaction in Generative Grammar*. New Brunswick: Rutgers University: University of Colorado-Boulder, 1993.

SCHWINDT, L. C. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Org). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p.161-182.

_____. O prefixo no português brasileiro: análise prosódica e lexical. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v.17, n.2, p.175-207, 2001.

SELKIRK, E. The prosodic structure of function words. In: McCARTHY, J. J. *Optimality Theory in phonology: a reader*. Oxford: Blackwell, 2004. p.464-482.

VIEIRA, M. J. B. As vogais médias postônicas: uma análise variacionista. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p.127-159.

VIGÁRIO, M. *The prosodic word in European Portuguese*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. (Interface Explorations, v.6).

_____. The prosodic word in European Portuguese. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. (Interface Explorations, v.6). Resenha de COLLISCHONN, G. *Lingua(gem)*, Macapá, v.1, n.1, p. 33-244, 2004.

Recebido em fevereiro de 2008

Aprovado em junho de 2008